

3 Abstenção esvazia eleição ao Congresso

Sergio Sá Leitão*

José Roberto Serra

Isaias Feitosa

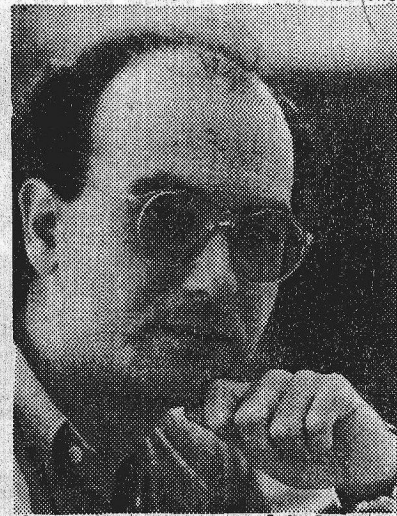
R.T. Fasanello



Fernando: não há mudança



Goffredo: reação popular



Soares: opções múltiplas

Um fantasma paira sobre o Congresso Nacional — o fantasma da abstenção e do desinteresse. Segundo estimativa do Ibope, feita a partir de uma série de pesquisas nacionais sobre a eleição proporcional, entre 35% e 45% dos votos válidos para governador não terão qualquer referência sobre a opção dos eleitores para a Câmara dos Deputados. No Rio, o instituto ouviu há duas semanas 2.000 pessoas, perguntando-lhes em quem votariam para deputado federal. Cerca de 75% deles não mencionaram nomes. A partir deste resultado, o Ibope eximiu-se de fazer qualquer previsão sobre a formação do novo Congresso. O resultado da eleição da próxima quarta-feira, no que se refere à Câmara dos Deputados, é uma incógnita absoluta. Uma coisa, entretanto, é certa: a alienação popular radicaliza a atual crise do Legislativo brasileiro.

O primeiro problema a ser enfrentado pelos novos deputados é a frágil representatividade de um Congresso eleito por pouco mais que maioria dos votos válidos, sobrevivente de uma avalanche de votos nulos, eleitores ausentes e votos em branco para deputado federal. "Os números são assustadores", afirma Marcus Figueiredo, professor do departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. "Uma abstenção deste nível retira completamente a legitimidade substantiva — não a formal, claro — do novo Parlamento". O jurista Goffredo da Silva Teles acredita que as urnas tornarão a situação do Legislativo ainda mais crítica. "A legítima representação da Câmara fica comprometida", diz. "Esta é uma reação popular à indiferença do Congresso sobre os sucessivos ataques do governo à nova Constituição".

Explicação — Alguns parlamentares assustam-se com o baixo número de votos válidos, mas não acham que a legitimidade do Congresso está em questão. "Um índice de comparecimento e renovação abaixo das expectativas não vai repercutir negativamente sobre o Legislativo", crê o deputado federal José Lourenço, do PFL baiano. Como o senador Fernando Henrique Cardoso, do PSDB paulista, ele compara esta situação, inédita na história recente do Brasil, a de países como os Estados Unidos, onde o voto não é obrigatório e boa parte da população não vai às urnas. "Lá, ninguém contesta a legitimidade do

Congresso", reclama. O cientista político Luis Eduardo Soares, do IUPERJ, considera, em contrapartida, que a abstenção é um fenômeno grave e perigoso. "Ela revela a imensa distância entre o Congresso e a sociedade", diz.

As explicações para o fenômeno multiplicam-se entre deputados, senadores e analistas políticos. Fernando Henrique Cardoso credita o desinteresse dos eleitores à movimentada rotina de eleições que marca a Nova República. "Além disso", afirma, "o eleitor tem percebido que, apesar de tantas eleições, não há mudanças concretas e significativas em seu cotidiano". O resultado, segundo ele, é uma sensação de inutilidade das eleições. O deputado Euclides Scalco, líder do PSDB na Câmara, reconhece que nunca viu um pleito tão apático. E acrescenta outro tempero ao caldeirão: "Não podemos esquecer das diversas campanhas feitas pela mídia e por alguns políticos contra a própria política", diz. A saída, para eles, é institucional — passa por mudanças nas regras eleitorais e na adoção do sistema parlamentarista.

Mistério — Luis Eduardo Soares assegura que estes argumentos dão conta de uma pequena parte do problema. Ao fenômeno da abstenção, ele soma outro para afirmar que o comportamento dos eleitores é um mistério para os analistas — o dos votos formados por nomes da direita e da esquerda, como os que unem em São Paulo Eduardo Suplicy, do PT, para o Senado, e Paulo Maluf, do PDS, para o governo. "Observando os resultados de eleições passadas, pode-se constatar

que há uma divisão nítida, segundo a existência ou não de padrões de modernidade, entre votos progressistas e conservadores", diz. "Acontece, porém, que a motivação dos eleitores para a opção entre uma e outra vertente é múltipla, diversa e transversal". Os eleitores, segundo ele, costumam liquidar com todos os esquemas tradicionais de análise política.

A visão negativa dos políticos, que se espalha no senso comum, oferece uma pequena contribuição para o entendimento do provável alto nível de abstenções para a Câmara. Luis Eduardo Soares diz, entretanto, que a razão "dos que jogam a criança fora junto com a água suja do banho" não explica tudo. "Eu poderia dizer também que um político como Leonel Brizola, que se apresenta à imagem e semelhança de um salvador da pátria, contribui para o desprezo ao Legislativo. Mas não é só isso." Ele prefere dizer que não há padrões gerais que possam resumir ou qualificar a diversidade do imaginário político de cada indivíduo. "O esquartejamento simbólico de partidos e candidatos, cujo maior exemplo é a dupla Suplicy e Maluf, passa por uma lógica diferente, com encontros e associações oblíquos, mas legítima", explica.

Parlamentarismo — O segundo problema, especialmente dirigido aos defensores do parlamentarismo, deriva do que Goffredo da Silva Teles chama de desilusão com o Congresso. "Se a projeção vingar, o parlamentarismo ficará prejudicado", afirma o senador Hugo Napoleão, do PFL do Piauí. Ele também

acha que o resultado das urnas vai revelar a descrença no Congresso. "O presidencialismo está forte", diz. Os defensores do parlamentarismo, no entanto, consideram que a parada não será definida em 3 de outubro. "A abstenção não o compromete em nada", assegura Fernando Henrique Cardoso. Destoando do otimismo do seu companheiro de partido, Euclides Scalco vê obstáculos no caminho do parlamentarismo. "O plebiscito está marcado para 1993", lembra. "Se o Congresso não se mostrar forte até lá, não venceremos a disputa".

Outra faceta das pesquisas do Ibope é o baixo índice de renovação do novo Congresso. Ao contrário de 1986, quando a renovação ultrapassou os 50%, esta eleição não deve levar mais de 180 caras novas para Brasília. "Há seis meses, eu a estimava em 80%", afirma Euclides Scalco. "Hoje vejo que o povo está optando pelos nomes conhecidos". Segundo Luis Eduardo Soares, isto se explica pela alta fragmentação e volatilidade do quadro partidário. "Há um sem número de partidos com expressão regional e muitos candidatos, o que contribui para a diluição dos discursos", explica. Ele acha que os partidos com identidades definidas levam vantagem. "Pode ser o caso da esquerda", aponta. De fato, com o alto nível de abstenção, o voto na esquerda, sempre claro e definido, ganha um peso maior no universo de votos válidos.